

CAPÍTULO 5.6.

Os festivais de arte(s) e o desenvolvimento territorial: um modelo de análise de impactos

Art(s) festivals and territorial development: an impact analysis model

João CONCHA^{269.)}

Resumo

Neste artigo conceptualizamos um modelo de análise e avaliação de impactos dos festivais de arte(s) nos territórios onde atuam, correspondendo a uma fase de investigação da tese de doutoramento Da revitalização urbana na Lisboa pós-Expo'98: os festivais de arte(s) no espaço público. Começamos por uma sucinta revisão da literatura existente, atentando em discussões e modelos de avaliação de impactos das atividades e iniciativas culturais. Seguidamente, expomos o modelo de avaliação proposto, isto é, uma grelha metodológica estruturada em cinco dimensões (espacial, cultural, económica, social e uma última relativa à cidadania e participação) abrangendo múltiplos efeitos (p.e., benefícios, externalidades, impactos). Por fim, discutimos algumas notas acerca da sua aplicabilidade e operatividade.

Assim, com base em investigações e estudos recentes, formalizamos um modelo ajustável a diferentes festivais de arte(s) e a diversos territórios, permitindo a desejável flexibilidade de uso, quer num âmbito académico quer enquanto ferramenta para promotores e agentes locais.

Palavras-chave: festivais de arte(s), desenvolvimento territorial, impactos, grelha metodológica, Portugal

Abstract

In this article we conceptualize a model for analyzing and evaluating the impacts of art(s) festivals in the territories where they operate, accordingly with the research for the doctoral thesis On urban revitalization in post-Expo'98 Lisbon: art(s) festivals in the public space. We begin with a brief review of the existing literature, paying attention to impact evaluation models for cultural activities and events. Next we present our evaluation model, that is, a methodological grid structured in five dimensions (spatial, cultural, economic, social and a last one related to citizenship and participation) encompassing multiple effects (i.e. benefits, externalities, impacts). Finally, we discuss some ideas about its applicability or operability.

Thus, based on recent research, we formalize a model that can be adapted to different art(s) festivals and diverse territories, allowing for the desirable flexibility of use, both in an academic context and as a tool for promoters and local actors.

Keywords: art(s) festivals, territorial development, impacts, methodological grid, Portugal

^{269.)} ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, DINÂMIA' CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal. E-mail: conchajoao(at)gmail(dot)com



1. O valor das atividades e iniciativas culturais

As atividades culturais, genericamente, e as iniciativas/eventos culturais em particular (p.e., festivais de arte(s), entre outros formatos), revestem-se de características específicas cuja análise requer uma abordagem multidimensional. Contemporaneamente, num contexto de “hiper-globalização” (Rodrik, 2011, p. 200), perfilam-se oportunidades e desafios no sector cultural, à luz de fenómenos como a crescente mediação tecnológica e digital que redefine o papel das próprias atividades culturais (Lazzeretti, 2020), a permutabilidade de papéis (produtor/utilizador/consumidor) com múltiplas e quase indestrinçáveis formas de participação nos processos de criação/difusão/fruição (Sacco, 2018, 2011) ou ainda as assimetrias e especificidades subjacentes a tais processos, com uma dimensão territorial em diferentes níveis e escalas de análise, associadas às políticas e condições para diferentes cidadãos ou comunidades (Amin, 2002; União de Cidades e Governos Locais, 2004; Costa, 2007; Duxbury, 2011; Paris & Baert, 2011). No contexto atual, devemos referir a crescente preocupação com a implementação de práticas capazes de promover a sustentabilidade e prevenir eventuais externalidades negativas associadas à produção e intervenção cultural (Nurse, 2006; Packalén, 2010; Duxbury & Jeannotte, 2012; União de Cidades e Governos Locais, 2015; Comissão Europeia, 2018; Meireis & Rippl, 2018). No caso concreto dos eventos culturais, caracterizados pela efemeridade e/ou ciclicidade, ligados a uma “economia experiencial” que privilegia as experiências e as transforma em produtos (Pine & Gilmore, 1999, p. 31), importa recordar tendências recentes, algumas delas aparentemente contrárias. Entre estas destacamos a multiplicação de iniciativas associáveis ao marketing urbano ou “*city branding*” (p.e., “marca cidade”, interligada às marcas “cidade de eventos” e/ou “cidade de festivais”) (Richards & Palmer, 2010, pp. 1-38) e, simultaneamente, uma certa “desterritorialização” de iniciativas como alguns festivais de arte(s), mencionando os fenómenos de “comodificação” (Gotham, 2002), “replicação” (Finkel, 2006) ou “digitização” (Valck, 2008). Por outro lado, lembramos a existência de focos locais de resistência à festivalização, seja às suas representações ou externalidades (p.e., “reclamação” e/ou reapropriação (Magliocco, 2001) e, ao mesmo tempo, devido à crise pandémica de 2020/21, a adaptação ou impedimento na realização de eventos determinantes na economia e nas dinâmicas sociais das comunidades em causa (Grasiot, 2020; Quinn, 2020).

Em virtude destas reconfigurações, os processos de criação de valor no sector cultural afiguram-se hoje como especialmente intrincados, indissociáveis de uma dimensão globalizante e, ao mesmo tempo, das singularidades dos territórios, comunidades e grupos onde tais atividades se estruturam. Devemos sublinhar que o valor da cultura sempre lidou com as questões do valor simbólico, da identidade, da representação e da perceção, ou seja, com aspetos imateriais e intangíveis, mas as recentes formas de produção, mediação e consumo num novo paradigma a que Sacco (2011) chamou de *Culture 3.0* complexificam tais processos e o seu reconhecimento. Com efeito, não só as funções das atividades culturais e os modos de criação de valor se alargaram, como também são múltiplos os modos como esses tipos de valor(es) são percecionados, apropriados ou fruídos por grupos cada vez mais diversificados. Esta “descentralização” da criação de valor (p.e. estético, simbólico, material) remete ainda para uma realidade em que conhecimentos, motivações e expectativas de quem produz e de quem consome se conectam, suscitando a participação ativa por parte dos cidadãos em diversas fases, não apenas expostos às “experiências culturais”, mas intervindo nas regras que determinam a sua produção e significação (Sacco, 2011). Nesse sentido, a forma como o valor da cultura



poderá ser percebido e avaliado requer, necessariamente, novas aceções e novos modelos de análise (Tomaz *et al.*, 2020; Costa, 2021).

Tradicionalmente, a avaliação de impactos das atividades da cultura, aliás à semelhança de outro tipo de avaliações (p.e., políticas urbanas, desenvolvimento territorial), tem-se centrado nas variáveis económicas, reconhecendo, porém, outras dimensões relevantes nos domínios do “social” e do “cultural”. Regra geral, e durante bastante tempo, foram privilegiados os aspetos quantitativos em detrimento dos efeitos não quantificáveis, inclusive no caso dos eventos culturais, vistos muitas vezes como meio (“valor instrumental”, Holden, 2006) para gerar benefícios económicos (p.e., resultados financeiros, efeitos diretos ou indiretos na economia) para promotores e comunidades, cidades ou regiões (Holcomb, 1999; Douglas & Derrett, 2001; Ferreira, 2004, 2006; Dwyer, Forsyth & Spurr, 2006; Snowball, 2008; Richards & Palmer, 2010). Os modelos de avaliação de impactos aplicados a diferentes fenómenos ou realidades, mesmo no campo das atividades e iniciativas/eventos culturais, têm assentado sobretudo na aferição de efeitos diretos quantificáveis (p.e., volume de negócios, valor acrescentado bruto, contribuição para o PIB ou número de empregos), efeitos indiretos quantificáveis (p.e., efeitos multiplicadores noutros sectores), efeitos diretos não quantificáveis (p.e., contribuições ao nível da “criatividade” ou “inovação”) e ainda efeitos indiretos não quantificáveis, um último nível de impacto, discutindo-se eventuais contribuições para melhorar a qualidade de vida ou o bem-estar da comunidade, entre outros fatores. Porém, particularmente em anos recentes, os modelos de avaliação de impactos amplificaram as suas abordagens e perspetivas, bem como os próprios efeitos e realidades a considerar ou mesmo o tipo de informação a que recorrer.

A título de exemplo, e com vista a ilustrar a maior diversidade de propostas de avaliação de impactos, devemos referir alguns estudos relativos a políticas públicas com uma componente sociocultural e/ou territorial, quer de teor metodológico quer de aferição de fenómenos concretos, como o caso dos processos de revitalização ou requalificação urbanas (Uysal & Özden, 2012 [regeneração urbana, Istambul]; Menezes & Pereira, 2013 [impactos sociais e económicos do PDCM Mouraria]; Sousa, 2017 [impactos do POLIS no espaço público urbano]). Mais especificamente no tocante ao papel das atividades do sector cultural na economia e/ou no desenvolvimento territorial não podemos deixar de nomear alguns estudos significativos: impactos da cultura no desenvolvimento económico de grandes cidades europeias (Van der Borg & Russo, 2005), impactos da cultura no sector do turismo (OCDE, 2009), impactos das atividades culturais nas economias europeias (Schindler, 2012), impactos sociais, económicos e culturais do Arts and Culture Cluster de Londres (BOP Consulting, 2013), impactos sociais do sector cultural e sua quantificação (Fujiwara, Kudrna & Dolan, 2014), entre outros, focados maioritariamente em valor(es) quantificáveis. Também acerca da avaliação das políticas culturais propriamente ditas, quer numa perspetiva metodológica quer pela aplicação a instrumentos concretos, localizamos diversos trabalhos centrados na análise de indicadores socioeconómicos quantitativos (Silva, Babo & Guerra, 2015 [metodologia para avaliação de políticas culturais]; Leite, 2015 [monitorização e avaliação de políticas culturais no Brasil]). Mas concentrando-nos na realidade específica de iniciativas/eventos culturais, mais premente aqui, devemos apontar conceptualizações, reflexões e estudos de impacto muito relevantes, nomeadamente acerca de eventos mega ou major: impactos da Exposição Mundial de 1986 no sector do turismo (Holmes & Shamsuddin, 1997), modelo de avaliação de impactos para mega-eventos (Hiller, 1998), impactos culturais da EXPO’98 (Santos & Costa, 1999), impactos da EXPO’98 no sector do turismo (Basílio, 2002), es-



cala para medir impactos sociais em grandes eventos (Fredline, Jago & Deery, 2003), análise de impactos económicos de grandes eventos realizados em Espanha (Herrero, 2004) ou estudos de impacto para diversas edições da Capital Europeia da Cultura (Boyko, 2008; Fišer & Kožuh, 2019), entre outros. Numa mesma linha, são diversos os estudos recentes que procuram tratar o fenómeno dos festivais de arte(s) e que, ainda que centrando-se maioritariamente em aspetos sociais ou económicos, contribuem para problematizar a nossa visão (ou revisão) multidimensional das formas de valor: impactos do histórico Festival d'Avignon na economia local (Société Générale de Recherche et Programmation, 1968), impactos económicos dos Cheltenham's Festivals (Brookes e Landry, 2002), impactos económicos do Notting Hill Carnival (London Development Agency, 2003), impactos dos Edinburgh Festivals no turismo cultural ou criativo (Prentice e Andersen, 2003), impactos económicos e culturais do Brighton Festival (Sussex Arts Marketing, 2004), impactos económicos dos Edinburgh Festivals (SQW/TNS, 2005), impactos económicos dos festivais culturais (Devesa, 2006), impactos dos Edinburgh Festivals ao nível da regeneração urbana (Pattison, 2006), valor económico dos festivais de artes (Vrettos, 2006), impactos económicos do Glastonbury Festival (Baker Associates, 2007), impactos sociais de festivais locais realizados na Austrália (Small, 2007), impactos económicos dos Newport Folk e Jazz Festivals (Advantage Marketing Information, 2012). Apesar da dominância dos impactos económicos neste vasto universo de estudos, convém salientar algumas exceções entre os exemplos mencionados, quer para eventos mega/major quer para festivais, nomeadamente nas vertentes social e cultural (p.e., impactos sociais, impactos culturais), como o importante estudo de Santos e Costa (1999), mas também os de Sussex Arts Marketing (2004), Pattison (2006) ou Small (2007). Efetivamente, os impactos culturais ganham maior importância e novas abordagens em estudos realizados desde a década de 1990, num contexto de valorização das atividades culturais e das indústrias culturais e criativas, com maior incidência em trabalhos desenvolvidos nas duas últimas décadas (McCarthy *et al.*, 2004 [reenquadramento conceptual sobre os benefícios das artes]; Small, Edwards & Sheridan, 2005 [grelha metodológica para avaliar impactos socioculturais de pequenos festivais]; Colombo, 2008 [impactos sociais e culturais de festivais de cinema]; Garcia, Melville & Cox, 2010 [impactos sociais e culturais da Capital Europeia da Cultural 2008, Liverpool]).

Assim, novas conceptualizações têm sido ensaiadas para analisar as repercussões de atividades ligadas ao sector cultural e à "economia experiencial", respondendo aos desafios apontados. Começamos por destacar a atenção dada à singularidade do sector e à multiplicidade de impactos possíveis, inclusivamente por parte de organizações inter/transnacionais, quer em documentos estratégicos quer em propostas políticas em diversos níveis. Por um lado, no âmbito institucional devemos ressaltar a ação da União de Cidades e Governos Locais plasmada na Agenda 21 para a Cultura (UCGL, 2004) e em *Cultura 21* (UCGL, 2015), por exemplo, bem como a intervenção das instituições europeias, vertida na *Nova Agenda para a Cultura* (Comissão Europeia, 2018), estratégias que denotam a pertinência, sobretudo desde a década de 2000, do conceito de desenvolvimento sustentável. Na verdade, a Agenda 2030 (ONU, 2015) afirma-se nesse campo como documento de referência, na medida em que estabelece um conjunto de dezasseite objetivos principais com vista ao desenvolvimento sustentável, entre eles o objetivo n.º 3, que valoriza e relaciona saúde e bem-estar individual, o objetivo n.º 11, respeitante às cidades e comunidades mas abarcando metas distintas quanto a capacitação das comunidades para a participação em processos de gestão/planeamento urbano sustentáveis e integrados, e o objetivo n.º 16, que visa entre também a maior participação dos



cidadãos nos processos de decisão aos mais variados níveis, assegurando práticas inclusivas e representativas. De resto, as preocupações de ordem social e ambiental, com vista a processos de desenvolvimento menos desiguais e mais participados, têm todo o cabimento no tocante às atividades culturais, remetendo para a diminuição de externalidades negativas e consequências nefastas desse tipo de intervenção. Por outro lado, e em linha com estas reflexões, alguns estudos têm abordado quer as dificuldades quer as possibilidades de criação de novas metodologias de avaliação para as atividades e iniciativas/eventos culturais, segundo perspetivas diversas e complementares. Tais trabalhos orientam-se para uma visão multidimensional dos impactos, em detrimento de leituras estritamente económicas (Fleming & Jordan, 2006; Colombo, 2015; Tomaz *et al.*, 2020), e para um reconhecimento do significado dos benefícios intangíveis e não quantificáveis (Derrett, 2008 [“community resilience”]; Grossi *et al.*, 2011a, 2011b [“individual subjective well-being”]; Carnwath & Brown, 2014 [“individual impacts”]; Small, 2007 e Tomaz *et al.*, 2020 [“community well-being”]). Simultaneamente, a integração das questões da “perceção” e da participação no processo de discussão sobre impactos por agentes locais, visitantes e residentes tem ganhado relevo, valorizando e discutindo o carácter subjetivo mas também representativo das perceções da(s) comunidade(s), mediante modelos concretos (Edwards, Moital & Vaughan, 2004; Small, Edwards & Sheridan, 2005 [“Social Impact Perception” - SIP]; Colombo, 2015 [“Cultural Impact Perception” - CIP]; Ferreira, 2019; Tomaz *et al.*, 2020; Costa, 2021). Além do mais, o reconhecimento da singularidade do formato “iniciativa cultural” (“evento cultural”) e da necessidade de um modelo condicente e flexível conduziu a propostas específicas para a avaliação de impactos deste formato de programação cultural, como os propostos por Small, Edwards e Sheridan (2005) e por Colombo (2015). Deste modo, a literatura sobre avaliação de impactos das atividades criativas e iniciativas culturais nos territórios muito tem avançado, com propostas decisivas para a reconceptualização de modelos e para a recriação de ferramentas de análise (Grossi *et al.*, 2011a, 2011b; Colombo, 2015; Tomaz *et al.*, 2020; Costa, 2021; Gato *et al.*, 2021; a par de abordagens em projetos de investigação como CREATOUR, RESHAPE, IMPACTOS-AR E ARTSBANK [Dinâmia’CET - ISCTE e parceiros]). São precisamente estes estudos e as novas perspetivas que comportam, além das estratégias e objetivos de desenvolvimento mencionados, a sustentar as ideias subjacentes ao modelo aqui proposto para a análise dos impactos dos festivais de arte(s) nos respetivos territórios. Desta forma, através da lente do desenvolvimento territorial, a avaliação das repercussões nas comunidades e nos espaços intervencionados pelos festivais de arte(s) será operacionalizada pela grelha apresentada em seguida, ferramenta metodológica que procura responder à complexidade da criação de valor(es) e à multiplicidade de efeitos expectáveis.



2. Modelo de análise e avaliação dos impactos dos festivais de arte(s)

Dimensões	Subdimensões (indicadores e efeitos)
I. ESPACIAL	I.1 OCUPAÇÃO FÍSICA DOS ESPAÇOS Efeitos ao nível da maior ou menor ocupação dos espaços.
	I.2 ACESSIBILIDADE AOS ESPAÇOS Alterações das condições de acesso aos espaços, seja ao nível físico seja ao nível simbólico (perceção da acessibilidade).
	I.3 USO E APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS Alterações do perfil funcional dos espaços, seja ao nível da(s) sua(s) função(ões) primordiais seja ao nível das suas outras eventuais apropriações .
	I.4 SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DOS ESPAÇOS Alterações ligadas à qualificação física ou simbólica dos espaços (qualificação/desqualificação) e suas percepções .
	I.5 PRESSÃO SOBRE A QUALIDADE AMBIENTAL DOS ESPAÇOS Efeitos físicos sobre os espaços e suas qualidades ambientais e/ou experenciais , no âmbito dos seguintes aspetos, entre outros: higiene urbana: (perceção acerca da limpeza e manutenção dos espaços) ruído: (perceção de níveis de ruído) mobilidade: (perceção sobre condições de tráfego, funcionamento dos transportes, disponibilidade de estacionamento, entre outros) segurança: (perceção de segurança) gestão dos recursos e sustentabilidade: (eficiência e sustentabilidade na gestão de recursos, com eventuais efeitos nos espaços e sistemas urbanos)



Dimensões	Subdimensões (indicadores e efeitos)
II. Cultural	<p>II.1 DINAMIZAÇÃO CULTURAL DO TERRITÓRIO</p> <p>Alterações ao nível da maior ou menor oferta e animação cultural no território (inc. eventuais interferências nas dinâmicas em presença, suas características e/ou evoluções, entre outros).</p>
	<p>II.2 RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE CULTURAL</p> <p>Mudanças no tocante ao reconhecimento (identificação, valorização/desvalorização) de expressões culturais diversas e endógenas ao território e suas comunidades (inc. tradições culturais ou práticas artísticas em presença, entre outros).</p>
	<p>II.3 DESENVOLVIMENTO CULTURAL TERRITORIALIZADO</p> <p>Desenvolvimento da criação artística e de atividades/iniciativas culturais em função do seu enraizamento no território.</p> <p>Maior ou menor desenvolvimento (valorização/desvalorização) de dinâmicas culturais com base na sua territorialização (inc. efeitos de diferenciação/indiferenciação das criações, preservação/renovação/reinvenção vs. perda/instrumentalização de tradições e práticas artísticas, capacitação de agentes culturais locais, entre outros).</p>
	<p>II.4 CRIAÇÃO DE PÚBLICO(S) PARA AS ARTES</p> <p>Efeitos no âmbito da criação de público(s) (fidelização, renovação ou perda, entre outros) para as iniciativas culturais e expressões artísticas (inc. segmentos específicos).</p>
	<p>II.5 VALORIZAÇÃO DAS ARTES</p> <p>Valorização/desvalorização dos campos artísticos (inc. valor intrínseco, inovação artística, reconhecimento social do valor da criatividade e das expressões artísticas, entre outros).</p>



Dimensões	Subdimensões (indicadores e efeitos)
III. Económica	<p>III.1 DINAMIZAÇÃO DO COMÉRCIO LOCAL</p> <p>Efeitos ao nível de uma maior ou menor dinamização do comércio local existente no território, bem como de outras atividades económicas locais afetadas de forma mais ou menos direta pela realização do festival.</p>
	<p>III.2 DINAMIZAÇÃO INDIRECTA DE ACTIVIDADES ECONÓMICAS</p> <p>Efeitos indirectos em sectores e atividades não fixados no território, isto é, mobilizados indirectamente pela realização do festival.</p>
	<p>III.3 PROMOÇÃO DA IMAGEM E DA ATRACTIVIDADE DO TERRITÓRIO</p> <p>Alterações ao nível da imagem externa do território.</p> <p>Maior ou menor capacidade de atracção de atividades económicas, investimentos e visitantes.</p>
	<p>III.4 VALOR FUNDIÁRIO/IMOBILIÁRIO</p> <p>Efeitos ao nível do valor fundiário e imobiliário no território (inc. valorização/desvalorização dos preços do solo, imóveis e rendas).</p>
	<p>III.5 ACTIVIDADE DO PROMOTOR</p> <p>Efeitos ao nível da atividade do(s) próprio(s) promotor(es) (inc. maior ou menor influência na sustentabilidade da(s) estrutura(s) que promovem as iniciativas).</p>



Dimensões	Subdimensões (indicadores e efeitos)
IV. Social	<p>IV.1 SOCIABILIDADES</p> <p>Efeitos ao nível de uma maior ou menor interação social na comunidade (inc. entre moradores, entre moradores e não moradores, etc). Bem-estar, desenvolvimento pessoal, interação/isolamento.</p>
	<p>IV.2 SENTIDO DE PERTENÇA</p> <p>Efeitos ao nível do sentido de pertença à comunidade (inc. auto-representações, perceção ou imagem interna do território pela comunidade).</p> <p>Bem-estar e/ou orgulho comunitários, validação ou exclusão de grupos, integração vs. marginalização.</p>
	<p>IV.3 ABERTURA À DIVERSIDADE E À DIFERENÇA</p> <p>Reconhecimento da diversidade sociocultural do território e maior ou menor abertura à diferença (ao 'outro')</p> <p>Tolerância/intolerância, controlo social, conflitualidades.</p>
	<p>IV.4 GENTRIFICAÇÃO</p> <p>Alterações na composição social do território.</p>
	<p>IV.5 IDENTIDADE LOCAL</p> <p>Alterações relativas à perceção da identidade local.</p> <p>Alterações no tipo de relação, experiencial e/ou simbólica, com o território, por exemplo em função de grupos, comportamentos e estilos de vida.</p>



Dimensões	Subdimensões (indicadores e efeitos)
V. CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO	V.1 EXPRESSÃO IDENTITÁRIA Maior ou menor expressão das identidades , sua(s) diversidade(s) e diferença(s), individualmente e/ou em comunidade.
	V.2 CONSCIÊNCIA E PARTICIPAÇÃO CÍVICAS Maior ou menor sensibilização para comportamentos e consciência cívicos. Maior ou menor estímulo à participação dos cidadãos , inc. efeitos de alheamento ou capacitação para uma cidadania ativa (p.e., mudanças centradas nos cidadãos).
	V.3 PARTICIPAÇÃO EM PROCESSOS ARTÍSTICOS E CRIATIVOS Alterações ao nível das lógicas culturais e práticas artísticas no tocante à participação dos cidadãos (p.e., mudanças centradas nas instituições e agentes culturais, favorecendo ou desfavorecendo a participação).
	V.4 INSTITUIÇÕES E PARTICIPAÇÃO Alterações ao nível das lógicas de governança no tocante à participação dos cidadãos (p.e., mudanças centradas nas instituições políticas, favorecendo ou desfavorecendo a participação).
	V.5 POLÍTICAS PÚBLICAS E PARTICIPAÇÃO Alterações ao nível das políticas públicas no tocante à participação dos cidadãos (p.e., mudanças expressas nas políticas e instrumentos de ação concebidos e/ou implementados, favorecendo ou desfavorecendo a participação).

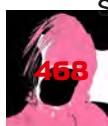
Fonte: O autor.



3. Descrição do modelo e notas sobre a sua aplicação

O modelo concebido tem como objetivo aprofundar o conhecimento sobre os modos de criação e reconhecimento de valor(es) pelos festivais de arte(s) e seus intervenientes, tal como acerca da multidimensionalidade e diversidade de impactos no tecido urbano promovidos por este tipo de iniciativa cultural, e, ainda, no respeitante à própria territorialização das lógicas de “festivalização” na contemporaneidade. Nestes termos, o modelo reflete as experiências e estudos mencionados no tocante às iniciativas culturais no seu conjunto, mas procura corresponder às especificidades do formato “festival de arte(s)” e assenta no conhecimento adquirido em diferentes fases da investigação empreendida, considerando as características desta tipologia de intervenção cultural (Concha & Costa, 2016; Concha, 2019). Suprindo algumas das dificuldades patentes em modelos mais convencionais e articulando questões que as várias fases de investigação clarificaram face ao “festival de arte(s)” e às problemáticas da cidade contemporânea, a grelha pretende constituir-se como uma proposta conceptual e operativa adaptada a tais realidades. Para tal, e atendendo a esta rede de propósitos e aos aspetos definidores do desenvolvimento territorial, nomeadamente aqueles que se relacionam mais diretamente com os processos de revitalização urbana, abrangemos cinco dimensões fulcrais: I. ESPACIAL, II. CULTURAL; III. ECONÓMICA; IV. SOCIAL; V. CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO. Cada uma das dimensões é repartida em cinco subdimensões capazes de aferir e incluir diversos efeitos possíveis, sendo que esta sistematização advém, como lembrámos, de anteriores observações e do trabalho desenvolvido auscultando promotores, participantes, agentes locais e residentes (p.e., valorizando as suas perspetivas e contribuições) para o caso de Lisboa. Tais contributos envolvem diferentes perceções e entendimentos sobre os possíveis impactos dos festivais de arte(s), advertindo também para o seu carácter subjetivo e para o facto de representarem, inevitavelmente, interesses individuais ou coletivos de natureza vária (p.e. aceções de “valor” distintas, entendimentos do território diferenciados, escalas de leitura territorial múltiplas, perceções variáveis ou mesmo contraditórias, que importará discutir posteriormente).

Para cada dimensão e respetivas subdimensões interessa-nos, por um lado, averiguar e registar os efeitos associadas ao festival/caso de estudo [“existence”, efeito “percebido ou não”; Colombo, 2015], seja numa perspetiva temporal mais imediata (no período de ocorrência do festival) seja numa perspetiva de médio ou longo prazo (após o período de realização do festival, entre edições no caso de festivais ainda ativos num mesmo território, ou após a última edição ocorrida) [temporalidade]. Por outro lado, importa-nos perceber se tais efeitos se encontram em linha com os objetivos das iniciativas culturais (efeitos previstos) ou se, de algum modo, constituem uma surpresa face à sua programação e atuação (efeitos não previstos). “Intentionality”, efeito considerado “intencional ou não.” (Colombo, 2015). Interessa-nos ainda, de acordo com o modelo proposto e à luz de outras ferramentas analíticas existentes, aferir se os efeitos são percecionados como positivos ou negativos [“rating”, efeito considerado “positivo ou negativo”; Colombo, 2015], lembrando neste ponto a multiplicidade e a subjetividade das perceções, correspondendo estas à valorização de aspetos muito díspares em função de diferentes interesses em presença. Nesse sentido, um mesmo efeito percecionado — por exemplo, a eventual valorização fundiária/imobiliária num dado território — poderá ser visto por alguns como positivo (p.e., neste caso, pelo sector imobiliário e partes interessadas na venda/arrendamento de imóveis, proprietários de imóveis) e por outros como negativo (p.e., potenciais moradores, agentes culturais/económicos que pretendam fixar-se nesse território, movimentos sociais ligados à defesa do “direito à cidade”, entre ou-



tros). Sublinhamos ainda a potencialidade de uma análise comparativa (textual e/ou mediante quadro-síntese) que discuta os graus de “intensidade” dos impactos [“intensity”, intensidade do efeito “nos indivíduos e na comunidade”; Colombo, 2015], tal como são percebidos pelos intervenientes envolvidos. Por último, devemos referir que os aspetos ou variáveis de perceção “existence”, “rating” e “intensity” advêm de diversos modelos de avaliação de impactos, nomeadamente para as atividades ou eventos culturais (Green, Hunter & Moore, 1990; Small, Edwards & Sheridan, 2005), a que Alba Colombo acrescenta uma nova categoria de perceção: “intentionality” (Colombo, 2015, p. 11). No atual modelo propomos também, sempre que possível, a ponderação de um quinto aspeto, o da “temporalidade”, relativo ao período de duração do festival (efeitos percebidos como ‘transitórios’ ou não) e pós-festival (em ciclos temporais variáveis, mais curtos ou mais longos).

Em relação aos tipos de efeitos propriamente ditos, estes poderão corresponder a “benefícios”, ou seja, resultados diretos positivos (McCarthy *et al.*, 2004; Brown, 2006; Knell & Taylor 2011; Carnwath & Brown, 2014), a “externalidades”, isto é, efeitos colaterais percebidos como negativos ou positivos (Pigou, 1920 [“externalities”]; Throsby, 2001, 2010), e a “impactos”, sendo que estes implicam sempre uma alteração ou mudança (temporária, mais ou menos duradoura) como resultado direto ou indireto da iniciativa cultural em análise (p.e., impactos diretos, indiretos e induzidos; percebidos como positivos ou negativos) (Brown, 2006; Sellwood, 2010; Carnwath & Brown, 2014; Colombo, 2015). Ainda que estas aceções, e de acordo com diferentes autores (incluindo alguns dos citados), conheçam variações ao nível da sua denominação e do seu significado exato, cremos que a formulação aqui exposta se afigura como aproximação abrangente e, ao mesmo tempo, rigorosa, permitindo-nos operacionalizar o modelo em causa e destrinçar entre diferentes tipos de efeitos percecionados.

A primeira dimensão remete para os efeitos e possíveis transformações ao nível espacial, assumindo os espaços ocupados pelo festival enquanto categoria física, sujeitos a mudanças materiais ao nível das suas características e qualificação (Concha & Costa, 2016; Concha, 2019), bem como em termos simbólicos, isto é, no tocante à sua representação ou perceção. A ocupação e as apropriações, o perfil funcional e a acessibilidade, bem como os aspetos relacionados com a experiência do espaço e a sua qualificação ou desqualificação ambiental constituem variáveis fundamentais desta dimensão. As subdimensões remetem para impactos relacionados com o reconhecimento do valor de espaços/imóveis e sua eventual (re)qualificação (Small, Edwards & Sheridan, 2005), externalidades positivas ou negativas ligadas à higiene urbana, à mobilidade ou a práticas mais ou menos sustentáveis (Small, Edwards & Sheridan, 2005; Richards & Palmer, 2010; Tomaz *et al.*, 2020) ou ainda à perceção de uma maior ou menor segurança (Small, Edwards & Sheridan, 2005; Hannigan, 2007; Richards & Palmer, 2010), entre outros possíveis efeitos do festival. Os indicadores definidores assumem-se como determinantes no tocante aos processos de revitalização do espaço urbano, em diversas escalas e também por via da dinamização de espaços concretos. Com efeito, ficam abrangidos efeitos como uma maior ou menor ocupação efetiva dos espaços pela população (residente ou não residente), eventual captação ou perda de utilizadores para os espaços durante e após o festival, mudanças nas condições de acesso aos espaços, quer ao nível físico (tipo de acesso) quer ao nível simbólico (perceção de acessibilidade aos espaços e às zonas intervencionadas e sua inserção no contexto urbano), alterações ao nível da(s) função(ões) primordiais dos espaços ou ao nível de outras eventuais apropriações (formais ou informais) ou ainda eventuais externalidades (positivas ou



negativas) respeitantes à higiene urbana, ao ruído, às condições de mobilidade, segurança e sua percepção, gestão dos recursos e sustentabilidade das práticas com repercussão nos espaços e sistemas territoriais.

A segunda dimensão diz respeito aos possíveis impactos ao nível cultural, num sentido abrangente, pelo que reflete noções como “valor intrínseco” (Holden, 2006; Knell & Taylor 2011, Carnwath & Brown, 2014), isto é, valor cultural para o cidadão, para a comunidade e para os campos artísticos propriamente ditos (Carnwath & Brown, 2014: 10), “riqueza” ou “diversidade” culturais (Brown, 2006; Colombo, 2015 [“preservation/loss/revitalisation of cultural traditions”]), ou ainda desenvolvimento cultural e sua territorialização (Costa, 2021 [“artistic/creative rooting” e “territorial embeddedness”]), entre múltiplos outros efeitos abaixo indicados com maior detalhe. De resto, as questões incluídas nesta subdimensão mostram a extensão deste tipo de impactos e a sua relação próxima com outras subdimensões, nomeadamente a social [IV], estendendo-se da mera provisão de oferta cultural e dinamização dos espaços e territórios (p.e., exposição da comunidade a experiências culturais) até aos efeitos no âmbito da criação de públicos. Incluímos aqui eventuais repercussões na oferta ou nas dinâmicas culturais em presença, suas características e/ou evoluções, a identificação e/ou a visibilização/invisibilização de tradições culturais ou práticas artísticas endógenas, eventualmente mobilizadas, direta ou indiretamente, pelo festival, a valorização/desvalorização de dinâmicas culturais com base na sua territorialização, nomeadamente eventuais efeitos de diferenciação (ou indiferenciação) das criações, a capacitação (ou a desmobilização) de agentes culturais locais, entre outros efeitos. Integram ainda este campo o eventual maior ou menor enriquecimento dos campos artísticos no seu conjunto (valorização ou desvalorização), o “valor intrínseco” das propostas e experiências do festival, as repercussões ao nível da “inovação” artística, o maior ou menor reconhecimento social do valor das artes e da “criatividade”, bem como os eventuais impactos positivos ou negativos na atividade de agentes culturais locais, entre outros efeitos.

A terceira dimensão está ligada aos possíveis impactos ao nível económico e concentra-se em efeitos diretos ou indiretos como a dinamização de atividades económicas locais ou outras (Douglas & Derrett, 2001; BOP Consulting, 2011), a mudança da imagem externa do território e a sua maior ou menor atratividade (Compston, 2004; Gotham, 2005; Getz, 2008; Richards & Palmer, 2010; BOP Consulting, 2011), os eventuais reflexos no valor fundiário/imobiliário (Van der Borg & Russo, 2005; Wang & Chen, 2019) ou os benefícios para o promotor e demais envolvidos (Jackson *et al.*, 2015; Snowball, 2008; Costa, 2021), entre outros. Apesar das limitações metodológicas relativamente a uma análise quantitativa dos indicadores definidos ou à demonstração inequívoca da “causalidade” face aos festivais estudados, a revitalização económica deverá ser abordada sob o prisma descrito com maior detalhe no modelo e partindo também das percepções das instituições e dos agentes locais para leituras mais direcionadas. Esta dimensão poderá compreender uma maior ou menor dinamização da atividade dos estabelecimentos comerciais e de serviços (incremento ou retração) nos territórios intervencionados por via do festival (período de duração da iniciativa e/ou em ciclos temporais subsequentes), os impactos indiretos ou induzidos em sectores/atividades económicos não fixados no território mas que sejam mobilizados ou arrastados por via da realização do festival, alterações ao nível da imagem externa do território (num âmbito local, nacional ou inter-



nacional) e sua capacidade de atrair atividades económicas, investimentos e visitantes, ou mesmo possível influência da iniciativa na sustentabilidade económica da estrutura que promove a iniciativa, tal como eventuais efeitos indiretos no território e suas dinâmicas económicas por via da continuidade da atividade local da estrutura.

A quarta dimensão estrutura-se também em cinco subdimensões correspondentes, por sua vez, a múltiplos efeitos possíveis relacionados com variáveis como as sociabilidades e a interação entre indivíduos (Graham Devlin Associates, 2001 [“socialization”]; Brown, 2006 [“personal relationships, family cohesion, and expanded social networks”]; Small, 2007 [“socialisation opportunities”]; Richards & Palmer, 2010; BOP Consulting, 2011 [“bringing people together”]; Carnwath & Brown, 2014; Colombo, 2015 [“intercultural contact”]) bem como o seu reflexo ao nível do bem-estar individual e subjectivo (Matarasso, 1997; Tepper *et al.*, 2014; Carnwath & Brown, 2014 [“wellbeing”, “subjective wellbeing”]) e das oportunidades de desenvolvimento pessoal (Brown, 2006 [“personal development”]). Também o maior ou menor sentido de pertença, a aumentada ou enfraquecida autoestima da comunidade, a valorização ou desvalorização do capital social e o bem-estar comunitário poderão ser indicadores muito significativos acerca da ação direta ou indireta de um festival (Small, Edwards & Sheridan, 2005 [“local pride”]; Small, 2007 [“community wellbeing” e “social capital”]; Colombo, 2015 [“community pride”]). Simultaneamente, a maior ou menor abertura à diversidade e à diferença, inclusive como fator de mudança de comportamentos sociais, são também variáveis importantes com que nos confrontámos na elaboração do modelo e que são referidas por outros estudos como sendo potencialmente influenciadas pelas atividades ou eventos culturais (Small, 2007; Carnwath & Brown, 2014; Costa, 2021). Por outro lado, as problemáticas relacionadas com a ‘gentrificação’, isto é, a alteração na composição social das comunidades, surgem muitas vezes discutidas numa relação com a territorialidade das atividades e/ou dos eventos culturais (Miles, 2000, 2013; Costa, 2007, 2013; Lopes, 2014; Heide, 2016; Estevens *et al.*, 2020) e também com a ação de iniciativas efémeras (Compston, 2004; Heide, 2016; Tejero, 2017; Estevens *et al.*, 2020). Por último, é a aceção de “identidade local”, experienciada e percecionada interna e externamente (pela comunidade local, mas também pelos outros habitantes da cidade ou região, visitantes, turistas, etc.), que está em jogo e que poderá ser impactada pela ação de um festival de arte(s) (Van der Borg & Russo, 2005; Colombo, 2015). No tocante à identidade local, percecionada pelas comunidades residentes e não residentes, destacamos as mudanças no tipo de relação com o território, ao nível experiencial (vivências) ou simbólico (representações), por exemplo em função da persistência de comportamentos e estilos de vida ou, pelo contrário, da introdução de novos hábitos, grupos ou comportamentos com uma expressão territorializada (p.e., atividades diurnas-noturnas, diversos tipos de alojamento, de trabalho ou de fruição dos espaços [visitantes, turistas, residentes temporários, entre outros] ou mesmo indicadores nas anteriores subdimensões com reflexos específicos nas relações sociais estabelecidas e na “identidade”do lugar).

A quinta dimensão remete para as questões da participação segundo diversos âmbitos de ação, tendo em conta o potencial indutor de transformações do festival. Alguns dos efeitos possíveis neste campo relacionam-se com o significado da iniciativa cultural enquanto espaço de expressão identitária (Guerra, 2010; Jaeger & Mykletun, 2013; Colombo, 2015), a sensibilização ou a capacitação dos participantes para formas de participação cívica (Throsby, 2001; Rogers & Anastasiadou, 2011), a contribuição para difundir ou aprofundar processos participados no seio das instituições, promotores e agentes da cultura, a maior transparência e envolvimento dos cidadãos e da comunidade



de nas lógicas de governança, bem como a repercussão deste tipo de iniciativa em políticas públicas. Aqui se incluem numerosos efeitos possíveis, como os ligados à maior ou menor (mais facilitada ou menos facilitada) expressão da(s) identidade(s), sua(s) diversidade(s) e diferença(s), individualmente e/ou em comunidade por via da ação do festival, inclusive enquanto espaço privilegiado ou com restrições para tal (p.e., expressão, representação, construção de identidades). Também a maior ou menor sensibilização para uma participação cívica, com o desmerecimento ou a capacitação para tais processos e práticas participativas na comunidade e, ainda, com a eventual promoção do desenvolvimento/valorização de uma consciência cívica e do pensamento crítico (p.e., cidadania ativa), poderão refletir mudanças relevantes (por exemplo, o reconhecimento por parte dos cidadãos dos seus direitos fundamentais, nomeadamente o acesso à habitação ou à cultura). As diferentes subdimensões apontadas no modelo recaem em agentes e/ou instrumentos específicos, como é o caso das anteriormente mencionadas dizendo respeito sobretudo aos cidadãos e às comunidades. A participação em processos artísticos e criativos [V.3] surge centrada nas próprias instituições e agentes culturais locais e sua relação com a comunidade, promovida ou induzida pela ação do festival. Já o papel dos cidadãos na governança [V.4] centra-se nas instituições políticas (p.e., câmara municipal, juntas de freguesia, outros organismos locais e regionais) e remetendo para eventuais efeitos e mudanças nas lógicas e modelos de governação no que concerne à participação, favorecendo-a ou não (p.e., transparência, responsabilização, espaço para a participação), ao passo que em políticas públicas e participação [V.5] discutem-se os instrumentos propriamente ditos, refletindo a influência (caso exista) da ação do festival na adoção de políticas públicas concretas que promovam ou comprometam, em maior ou menor grau, a participação cidadã e a efetiva democratização cultural.

A aplicação do nosso modelo à análise dos casos de estudo, selecionados no âmbito da investigação *Da revitalização urbana na Lisboa pós-Expo'98: os festivais de arte(s) no espaço público*, consistirá também numa fase essencial para testar a sua aplicabilidade e conduzir a adaptações. A informação poderá ser obtida por meio de pesquisa bibliográfica (p.e., artigos/notícias/reportagens em revistas e jornais, estudos académicos, dados estatísticos, entre outros), de observação participante e/ou não participante, e em particular, de entrevistas (estruturadas, semi-estruturadas ou abertas) e/ou grupos de foco. Porém, múltiplas fontes de informação e formas de recolha de dados poderão ser exploradas na aplicação deste modelo a diferentes casos (p.e., festivais de artes), mais focadas em aspetos qualitativos relevantes ou complementadas por aspetos quantitativos, pressupondo relações ou intersecções entre temáticas e realidades muito vastas (p.e., discussões complexas). Assim, também os inquéritos e outras ferramentas de recolha de informação mais direcionada poderão ser empregues, afigurando-se como instrumento útil, mas em função do caso a analisar e dos meios disponíveis ou mais eficazes, ponderando sempre a especificidade de cada festival e suas características (p.e., dimensão, números de público, inserção no território). Reiteramos o carácter determinante dos contributos por parte de elementos envolvidos nas iniciativas a avaliar, mas também de elementos que as observaram, quer numa perspetiva académica quer, acima de tudo, enquanto membros da comunidade atuantes nesses territórios (p.e., agentes locais, residentes). A importância da análise dos impactos percebidos pelas comunidades (p.e., perceção de impactos), a partir das suas considerações e respostas, prende-se também com a valorização das expectativas existentes e dos benefícios esperados — ao invés de uma estrita avaliação inputs-outputs ou custo-benefício com indicadores quantitativos —, como realçam alguns estudos relativos a eventos de maior escala (Je-



ong & Faulkner, 1996; Edwards, Moital & Vaughan, 2004; Lim & Lee, 2006) e de dimensão mais reduzida ou variável, entre eles os chamados “eventos locais” (Small, Edwards & Sheridan, 2005; Colombo, 2015). Naturalmente que as perceções recolhidas comportam uma dimensão subjetiva e refletem os diferentes tipos de ligação e/ou interesse face ao território e/ou às iniciativas em estudo, o que, necessariamente, obrigará a uma leitura interpretativa e de conjunto, a cargo de quem procura aplicar este modelo de avaliação, face a tal informação e mediante os melhores instrumentos disponíveis. Em nosso entender, a aplicação estrita do modelo não dispensa, muito pelo contrário (potenciando e, em alguns casos, eventualmente exigindo) um trabalho de pesquisa aturada e de reflexão crítica assente no cruzamento de dados e considerações múltiplos.

Salientamos que o modelo apresentado poderá ser ajustado a diversos festivais de arte(s), ou seja, a casos mais ou menos singulares, em diferentes contextos territoriais e culturais e em função de diferentes níveis quantitativos e qualitativos de informação existente. Nesse sentido, ponderando versões mais complexificadas deste modelo, cremos que cada subdimensão poderá ser multiplicada (p.e., sistematizada) em conjuntos maiores e variáveis de indicadores e até efeitos específicos em função do estudo a empreender e do festival a avaliar. Pelo exposto, mais do que um modelo rígido para a avaliação dos impactos dos festivais de arte(s), julgamos entregar uma grelha metodológica devidamente enquadrada teórica e empiricamente, com base em investigações e estudos recentes, que permitirá a desejável flexibilidade de uso num âmbito académico e enquanto ferramenta para promotores e agentes locais, entre outros.

Financiamento

Fundação para a Ciência e a Tecnologia SFRH/BD/140838/2018.



Referências bibliográficas

- Advantage Marketing Information. (2012). *Newport festivals foundation: An economic impact study*. *Advantage Marketing Info*. <http://www.dem.ri.gov/folkjazeerais.pdf>
- Amin, A. (2002). Ethnicity and the multicultural city: Living with diversity. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 34, 959-980.
- Baker Associates. (2007). *Glastonbury Festival 2007 economic impact assessment*. Shepton Mallet: Mendip District Council.
- Basílio, P. B. (2002). *O impacto da Expo'98 no turismo*. Faro: Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve.
- Bop Consulting. (2013). *The economic, social and cultural impact of the city arts and culture cluster*. London: . London: City of London. <http://bop.co.uk/projects/impact-study-20122013>
- Boyko, C. T. (2008). Are you being served? The impacts of a tourist hallmark event on the place meanings of residents. *Event Management*, 11(4), 161-177. <https://doi.org/10.3727/152599508785899910>.
- Brookes, F. & Landry, C. (2002). *Good times: The economic impact of Cheltenham's Festivals*. Stroud: Comedia.
- Brown, A. S. (2006). An architecture of value. *Grantmakers in the Arts Reader*, 17(1), 18-25.
- Carnwath, J. D. & Brown, A. S. (2014). *Understanding the value and impacts of cultural experiences*. Manchester: Arts Council England.
- Colombo, A. (2008). *The social and cultural impacts of film festivals*. [Comunicação]. Conferência Arts, Culture and the Public Sphere: Expressive and Instrumental Values in Economic and Sociological Perspectives, IUAV University, Venice, Italy.
- Colombo, A. (2015). How to evaluate cultural impacts of events? A model and methodology proposal. *Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism*, 16(4), 500-511. doi:10.1080/15022250.2015.1114900
- Comissão Europeia. (2018). *A new european agenda for culture: Communication from the Commission to the European Parliament, The European Council, the European Economic and Social Committee and the Committee of the Regions*. Brussels: European Commission.
- Compston, J. D. (2004). *Representing the city: Glasgow city of Architecture and Design 1999 in context* [Tese de doutoramento, University of Glasgow]. <https://theses.gla.ac.uk/5397/>
- Concha, J. (2019). Caracterização dos festivais de arte(s) na Lisboa pós-Expo'98: Evolução e tendências. In R. Guerreiro, A. Paio, & P. L. Pinto (Orgs.). *Atas do 4.º Colóquio Territórios Metropolitanos Contemporâneos*. <http://hdl.handle.net/10071/22528>
- Concha, J., & Costa, P. (2016). Festivais de arte(s) na Lisboa pós-Expo'98: Uma aproximação metodológica. In V. Rato, & P. T. Pinto (Coords.). *Territórios Metropolitanos Contemporâneos: Seminários Temáticos - Programa de Doutoramento*. (pp. 19-27). Lisboa: ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/12476>
- Costa, P. (2007). *A cultura em Lisboa: Competitividade e desenvolvimento regional*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Costa, P. (2013). Bairro Alto revisited: Reputation and symbolic assets as drivers for sustainable innovation in the city. *Working Papers Dinâmia/CET*, 14, 1-33. <http://hdl.handle.net/10071/6634>
- Costa, P. (2021). Valuing culture and creativity in a global technological era. *European Planning Studies*. <https://doi.org/10.1080/09654313.2021.2023109>
- Derrett, R. (2008). *Regional festivals: Nourishing community resilience: the nature and role of*



cultural festivals in Northern Rivers NSW communities. Lismore: Southern Cross University.

- Devesa, M. (2006). *El impacto económico de los festivales culturales: El caso de la Semana Internacional de Cine de Valladolid*. Madrid: Fundación Autor.
- Douglas, N., & Derrett, R. (2001). *Special interest tourism: Context and cases*. Brisbane: John Wiley & Sons.
- Duxbury, N. (2011). Shifting strategies and contexts for culture in small city planning: Interlinking quality of life, economic development, downtown vitality and community sustainability. In A. Lorentzen, & B. Van Heur (Eds.), *Cultural political economy of small cities*. (pp. 161-178). London: Routledge.
- Duxbury, N., & Jeannotte, M. S. (2012). Including culture in sustainability: An assessment of Canada's Integrated Community Sustainability Plans. *International Journal of Urban Sustainability Development*, 4(1), 1-19.
- Dwyer, L., Forsyth, P., & Spurr, R. (2006). Estimating the impacts of special events on an economy. *Journal of Travel Research*, 43(4), 351-359.
- Edwards, J., Moital, M., & Vaughan, R. (2004). The impacts of mega-events: The case of Expo'98, Lisbon. In P. Long, & M. Robinson (Eds.). *Festival tourism: Marketing management and evaluation*. (pp. 196-215). Gottingen: SUB.
- Estevens, A., Cocola-Gant, A., Calvo, D. M. & Matos, F.(2020). Arts and culture in Lisbon's recent revitalization: Observing Mouraria and Intendente square through alternative local initiatives as drivers of marginal gentrification. *Revue Interventions Économiques*, 63, 1-16. <https://doi.org/10.4000/interventionseconomiques.8647>
- Ferreira, C. (2004). Grandes eventos e revitalização cultural das cidades: Um ensaio problematizante a propósito das experiências da Expo'98 e da Porto 2001. *Territórios do Turismo*, 2. <https://www.ces.uc.pt/iframe/nucleos/neccurb/publicacoes.php>
- Ferreira, C. (2006). *A Expo'98 e os imaginários do Portugal contemporâneo: Cultura, celebração e políticas de representação* [Tese Doutorado em Sociologia, Faculdade de Economia]. <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/482>
- Ferreira, C. I. G. (2019). *Impacto a longo prazo de Guimarães Capital Europeia da Cultura: A percepção dos Residentes*. [Dissertação mestrado em Turismo e Desenvolvimento de Negócios, ISCET]. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31758>
- Finkel, R. (2006). Serial Replication of UK Arts Festivals and Issues of Place-based Identity. *Working Paper Series - Queen Margaret University*, 10.
- Fiser, S. Ž., & Kozuh, I. (2019). The impact of cultural events on community reputation and pride in Maribor: The European Capital of Culture 2012. *Social Indicators Research*, 142(3), 1055-1073.
- Fleming, S., & Jordan, F. (2006). Events and festivals: Education, impacts and experiences. In Aitchison, C., Pritchard, A., Leisure Studies Association (Eds.). *Festivals and Events: Beyond Economic Impacts*. (pp. 71-80). Eastbourne: Leisure Studies Association.
- Fredline, L., Jago, L., & Deery, M. (2003). The development of a generic scale to measure the social impact of events. *Event Management*, 8(1), 23-27.
- Fujiwara, D., Kudrna, L. & Dolan, P. (2014). *Quantifying the social impacts of culture and sport*. London: Department for Culture Media & Sport.
- Garcia, B., Melville, R. & Cox, T. (2010). *Impacts 08. Creating an impact: Liverpool's experience as European Capital of Culture*. Liverpool: European Capital of Culture Re-



search Programme.

- Gato, M. A., et al. (2021). An impact assessment tool for creative tourism: Insights from its application to CREATOUR project. In N. Duxbury, S. Albino, & C. P. Carvalho (Eds.). *Creative tourism: Activating cultural resources and engaging creative travellers*. Wallingford: CABI.
- Getz, D. (2008). Event tourism: Definition, evolution and research. *Tourism Management*, 29(3), 403-428.
- Gotham, K. F. (2002). Marketing Mardi Gras: Commodification, spectacle and the political economy of tourism in New Orleans. *Urban Studies*, 39, 1735-1756.
- Gotham, K. F. (2005). Theorizing urban spectacles: Festivals, tourism and the transformation of urban space. *City: Analysis of Urban Trends, Culture, Theory, Policy, Action*, 9(2), 225-246. doi:10.1080/13604810500197020.
- Graham Devlin Associates. (2001). *Festivals and the city: The Edinburgh Festivals Strategy*. Edinburgh: City of Edinburgh.
- Grasiot, E. O. (2020, 19 May). Innovative events spaces in times of COVID-19: Spring on the balconies, collective representation and technology. Festspace. <http://festspace.net/innovative-events-spaces-in-times-of-covid-19-spring-on-the-balconies-collective-representation-and-technology/>
- Green, H., Hunter, C. & Moore, B. (1990). Assessing the environmental impact of tourism development: Use of the Delphi Technique. *Tourism Management*, 11(2), 111-120.
- Grossi, E., Blessi, G. T., Sacco, P. L. & Buscema, M. (2011a). The impact of culture on the individual subjective well-being of the Italian population: An exploratory study. *Applied Research in Quality of Life*, 6, 387-410. <http://doi.org/10.1007/s11482-010-9135-1>.
- Grossi, E., Blessi, G. T., Sacco, P. L. & Buscema, M. (2011b). The interaction between culture, health, and psychological well-being: Data mining from Italian culture and well-being project. *Journal of Happiness Studies*, 13(1), 129-148. <https://doi.org/10.1007/s10902-011-9254-x>.
- Guerra, P. (2010). *A instável leveza do rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. [Tese Doutorado em Sociologia, Faculdade de Letras]. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56304>
- Hannigan, J. (2007). From Fantasy City to Creative City. In G. Richards, & J. Wilson (Eds.). *Tourism, creativity and development*. (pp. 48-56). London: Routledge.
- Heide, T. (2016). *Gentrification and small music venues: The art of financial crisis in Denmark and the UK*. Copenhagen: Københavns Universitet.
- Herrero, L. C. (2004). Impacto económico de los macrofestivales culturales: Reflexiones y resultados. *Boletín Electrónico GC: Gestión Cultural*, 6(1). <https://pt.calameo.com/read/000477529b98a247f48f7>.
- Hiller, H. H. (1998). Assessing the impact of mega-events: A linkage model. *Current Issues in Tourism*, 1(1), 47-57.
- Holcomb, B. (1999). Marketing cities for tourism. In S. S. Fainstein & D. R. Judd (Eds.). *The tourist city*. (pp. 54-70). New Haven: Yale University Press.
- Holden, J. (2006). *Cultural value and the crisis of legitimacy: Why culture needs a democratic mandate*. Londres: Demos. <http://www.demos.co.uk/files/Culturalvalueweb.pdf>
- Holmes, R. A. & Shamsuddin, A. F. M. (1997). Short and long-term effects of World Exposition 1986 on US demand for British Columbia tourism. *Tourism Economics*, 3(2), 137-160.
- Jackson, J., Houghton, M., Russell, R. & Triandos, P. (2005). Innovations in measuring economic



- impacts of regional festivals: A do-It-yourself kit. *Journal of Travel Research*, 43, 360-367.
- Jaeger, K. & Mykletun, R. J. (2013). Festivals, identities, and belonging. *Event Management*, 17, 213-226.
- Jeong, G. & Faulkner, B. (1996). Resident perceptions of mega-event impacts: The Taejon International Exposition Case. *Festival Management and Event Tourism*, 4(1/2), 3-11.
- Knell, J. & Taylor, M. (2011). *Arts funding, austerity and the big society*. Londres: Royal Society of Arts. <https://www.thersa.org/reports/arts-funding-austerity-and-the-big-society>.
- Lazzeretti, L. (2020). What is the role of culture facing the digital revolution challenge? Some reflections for a research agenda. *European Planning Studies*, <https://doi.org/10.1080/09654313.2020.1836133>.
- Leite, A. F. C. S. (2015). *Políticas públicas para cultura: Conceção, monitoramento e avaliação*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Lim, S. T. & Lee, J. S. (2006). Host population perceptions of the impact of mega-events. *Asia Pacific Journal of Tourism Research*, 11(4), 407-421.
- London Development Agency. (2003). *The economic impact of the Notting Hill Carnival*. London: London Development Agency.
- Lopes, R. (2014). Do Bairro Alto ao Cais do Sodré: Criatividade, informalidade e recomposição física, social, funcional e económica. *Estudos de Lisboa*, 4, 80-93.
- Magliocco, S. (2001). Coordinates of power and performance: Festivals as sites of (re)presentation and reclamation in Sardinia. *Ethnologies*, 23(1), 167-188.
- Matarasso, F. (1997). Use or ornament? The social impact of participation in the arts. Gloucestershire: Comedia <https://www.artshealthresources.org.uk/docs/use-or-ornament-the-social-impact-of-participation-in-the-arts/>
- Mccarthy, K. F., Ondaatje, E. H., Zakaras, L. & Brooks, A. (2004). Gifts of the muse: *Reframing the debate about the benefits of the arts*. Santa Monica: RAND Corporation.
- Meireis, T. & Rippl, G. (Eds.). (2018). *Cultural sustainability: Perspectives from the humanities and social sciences*. London: Routledge.
- Menezes, M., & Pereira, A. (2013). *Avaliar programas comunitários de desenvolvimento: Uma proposta a partir do caso do programa de desenvolvimento comunitário da Mouraria*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.
- Miles, M. (2000). Vistas of the post-industrial city. On the W@terfront, (2), 2-6. <https://revistes.ub.edu/index.php/waterfront/article/view/18723>.
- Miles, M. (2013). A post-creative city? *RCCS Annual Review*, (5), 123-139. <https://doi.org/10.4000/rccsar.506>
- Nurse, K. (2006). Culture as the fourth pillar of sustainable development. In Commonwealth Secretariat. *Volume 20: Small states: Economic review and basic statistics*. (pp. 28-40). London: Commonwealth Secretariat.
- Organização das Nações Unidas (2015). Transforming our world: The 2030 Agenda for Sustainable Development. Resolução A/RES/70/1. Nova Iorque: Assembleia Geral das Nações Unidas.
- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (2009). *The impact of culture on tourism*. Paris: OECD Publishing.
- Packalén, S. (2010). Culture and sustainability. Corporate social responsibility: *Discourse, narratives and communication*, 17(2), 118-121.
- Paris, D., & Baert, T. (2011). Lille 2004 and the role of culture in the regeneration of Lille métropole. *Town Planning Review*, 82(1), 29-44.



- Pattison, H. (2006). Urban regeneration through the arts: A case study of the Edinburgh Festivals. *Festivals and Events: Beyond Economic Impacts*, 3, 71-80.
- Pigou, A. C. (1920). *The economics of welfare*. London: MacMillan.
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1999). *The experience economy: Work is theatre & every business a stage*. Boston: Harvard Business School Press.
- Prentice, R., & Andersen, V. (2003). Festival as creative destination. *Annals of Tourism Research*, 30(1), 7-30.
- Quinn, B. (2020, 2 July). Commemorative events and the COVID-19 pandemic. Festspace. <http://ccse.uws.ac.uk/2020/07/02/commemorative-events-and-the-covid-19-pandemic/#more-1549>.
- Richards, G., & Palmer, R. (2010). *Eventful cities: Cultural management and urban revitalization*. Oxford: Butterworth-Heinemann.
- Rodrik, D. (2011). *The globalization paradox: Why global markets, states, and democracy can't coexist*. New York: Oxford University Press.
- Rogers, P. & Anastasiadou, C. (2011). Community involvement in festivals: Exploring ways of increasing local participation. *Event Management*, 15, 387-399.
- Sacco, P.- L. (2011). Culture 3.0: A new perspective for the EU 2014-2020 structural funds programming. *European Expert Network on Culture Paper*. <http://www.interarts.net/descargas/interarts2577.pdf>
- Sacco, P.- L., Ferilli, G., & Blessi, G. T. (2018). From Culture 1.0 to Culture 3.0: Three socio-technical regimes of social and economic value creation through culture, and their impact on European cohesion policies. *Sustainability*, 10(11). .
- Santos, M. de L. L. dos (Eds.). (1999). *Impactos culturais da Expo'98*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Silva, A. S., Babo, E. P. & Guerra, P. (2015). Políticas culturais locais: Contributos para um modelo de análise. [Online]. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 78, 105-124. .
- Schindler, J. (2012). *Culture, politics and Europe: En route to culture-related impact assessment*. Bonn: European Association of Cultural Researchers.
- Sellwood, S. (2010). Making a difference: The cultural impact of museums. [Comunicação]. Conferência National Museum Directors. http://www.nationalmuseums.org.uk/media/documents/publications/cultural_impact_final.pdf
- Small, K. E. (2007). *Understanding the social impacts of festivals on communities*. Sydney: University of Western Sydney.
- Small, K. E., Edwards, D. & Sheridan, L. (2005). A flexible framework for evaluating the socio-cultural impacts of a (small) festival. *International Journal of Event Management Research*, 1(1), 66-77.
- Snowball, J. D. (2008). *Measuring the value of culture: Methods and examples in cultural economics*. Berlin: Springer.
- Société Générale de Recherche et Programmation (1968). *Impact du Festival d'Avignon sur l'économie de la ville*. Marseille: Société Générale de Recherche et Programmation.
- Sousa, J. F. C. de (2017). *O impacte do programa Polis: A (re)criação do espaço público*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa.
- Sqw/Tns. (2005). *Edinburgh's year round festivals 2004-2005: Economic impact study*. Oxford: SQW Consultants.
- Sussex Arts Marketing. (2004). *Brighton Festival 2004: Everyone benefits, a study of the economic and cultural impact of the Festival upon Brighton and Hove*. East Sussex: Sussex Arts Marketing.
- Tejero, C. M. (2017). Turismo, literatura e gentrificação: Os festivais e cidades literárias perante as consequências do fenómeno turístico. *Revista Turismo &*



Desenvolvimento, 27-28, 367-369.

- Tepper, S. J., Sisk, B., Johnson, R., Vanderwerp, L., Gale, G. & Gao, M. (2014). *Artful living: Examining the relationship between artistic practice and subjective wellbeing across three national surveys*. Nashville: The Curb Center for Art Enterprise. http://d31hzlhk6di2h5.cloudfront.net/20140409/6a/a2/45/b3/10e00761760189048ab167b1/NEA_Final_Report_Wellbeing_3.6.14.pdf
- Throsby, D. (2001). *Economics and culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Throsby, D. (2010). *The economics of cultural policy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tomaz, E., Costa, P., Gato, M. A., Cruz, A. R. & Perestrelo, M. (2020). Discussing impact assessment on creative tourism: A theoretical and analytical model. *Working Papers Dinâmia'CET*, 5, 1-27. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/20755>.
- União de Cidades e Governos Locais (2004, maio 08). *Agenda 21 for culture*. [Comunicação]. 4.º Fórum de Autoridades Locais para a Inclusão Social, Barcelona, Espanha.
- União de Cidades e Governos Locais (2015). *Culture 21: Actions. Commitments on the role of culture in sustainable cities*. Barcelona: UCLG.
- Uysal, Ü. E. & Özden, P. (2012). Cultural tourism as a tool for urban regeneration in Istanbul. *Sustainability Today*, 167, 389-400.
- Valck, M. de (2008). "Screening" the future of film festivals? A long tale of convergence and digitization. *Filmint*, (34), 15-23.
- Van der Borg, J. & Russo, A. P. (2005). The impacts of culture on the economic development of cities. *Wien*. <https://www.Wien.gv.at/meu/fdb/pdf/intern-vergleichsstudie-ci-959-ma27.pdf>
- Vrettos, A. (2006). *The economic value of arts & culture festivals: A comparison of four European economic impact studies*. Maastricht, University of Maastricht.
- Wang, J. & Chen, L. (2019). Geography of Chinese rock and roll: Cultural, political and economic forces intertwined. In R. Yep, J. Wang, & T. Johnson (Eds.), *Handbook on urban development in China*. (pp. 202-218). Cheltenham: Edward Elgar.

